

ANÁLISE DE TEXTO CRÍTICO, A PARTIR DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Trilhas do grande sertão, ensaio de M. Cavalcante Proença sobre grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa.

Vera Romariz

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO TEXTO

O ensaio é dividido em quatro partes: os planos subjetivo, mítico e o objetivo, além dos aspectos formais.

a) O plano subjetivo que, no romance, é tomado pela oscilação da personagem Riobaldo entre Deus - figura estática e cristalizada, e o Demônio, o próprio movimento que assusta e fascina.

b) O plano objetivo, que trabalha o nível épico do texto, configurado pela descrição grandiosa das personagens, sua fala grandiloquente e a tendência a heroizar o protagonista além das ações guerreiras, em nome de propósitos considerados honoríficos. Nesse plano, o Autor do ensaio associa os valores veiculados no texto aos da Idade Média e seu ideal cavaleiresco.

c) O plano mítico, que apresenta a geografia e o espaço ficcional elevada a personagem, com os aspectos místicos que atravessam o texto.

d) Os aspectos formais que, segundo o ensaio, são o aproveitamento das virtualidades da língua, não constituindo idioleto, nem criação de novo padrão linguístico.

Análise dos pressupostos - Considerando-se, como Mukarovsky, que

es verdade que el círculo de personas que entran en contacto directo con el arte es considerablemente limitado, en parte por la relativa escasez de vacación estética - o al menos por su limitación, en cada caso particular, a una determinada esfera del arte —; en parte por las barreras de la estratificación social..."

verificam-se pressupostos do livro que, embora válidos até hoje, não são percebidos pelo leitor médio. Instaura-se uma contradição: o leitor simples, da zona rural nordestina, está presente em algumas configurações, mas não se comunica com o texto crítico ou com o literário, porque não adquiriu consciência dos limites do seu contexto. Já o leitor urbano compreende a visão do homem rural que é apresentada, mas não estabelece ligações com ela.

Miguel Angel Garrido Gallardo afirma que

no se agota a información que la literatura ofrece de la Sociedad en estos testimonios directos. También el estudio del gusto literário puede ser un indicador bastante preciso de cómo es una sociedad o un sector de la sociedad lectora. Particularmente las producciones conocidas hoy como subliterários o paraliterárias - la novela rosa, la fotonovela, el comic y, antes, los libros de cabellerías, por ejemplo vienen sirviendo para caracterizar sociológicamente al público destinatário de tales publicaciones.

Assim, as relações texto crítico/leitor passarão pelo filtro dos poucos leitores que lêem ensaios literários, daqueles que leram ou não o texto de Rosa, e das possibilidades do gosto e da leitura.

No plano subjetivo, a oscilação entre o Bem e o Mal, poderia remeter o leitor nordestino a uma visão maniqueísta cristã ocidental, ainda hoje com resquícios, que

polariza os juízos sobre os fatos e os homens entre Amor e Ódio, Bem e Mal, Sagrado e Profano. Mas, apesar de ter introjetado essa noção, ele não tem consciência dela e a comunicação pode não efetivar-se. Necessário se faria ter uma formação rural inicial e, posteriormente, ter outra visão urbana e universitária. O relativismo dos juízos e dos conceitos não é um dado percebido pelo homem rural que, geralmente, é etnocêntrico e absolutista nas afirmações.

O plano objetivo, com a figura do jagunço, seus padrões de honra que são prioritários em relação aos parâmetros religiosos ("Não matarás"!) pode ter um nível de recepção diferenciado. O leitor nordestino identificará dois valores culturais familiares: o da violência e a defesa da honra, comuns em sociedades mais primitivas. Além desses dois, impõe-se o da discriminação social, que bastante estudado na Idade Média, permanece na sociedade brasileira.

Na leitura de hoje, porém, quantos brasileiros terão acesso, de forma oral ou escrita, a uma visão da Idade Média? Período histórico não inscrito em nossa evolução, que fomos descobertos no século XVI e cujos registros escritos datam desse tempo, o período medieval não constitui dado conhecido, excetuando-se os especialistas. O que passa para o leitor brasileiro nordestino são padrões e normas vigentes, com modificações sofridas pelo tempo. São exemplo a estratificação social do contexto romanesco, com chefes e chefiados, a violência e a defesa da honra já referidas e que ainda constituem valores da nossa região. A defesa da honra é aludida e justificada, cada vez que certas normas são infringidas, tais como: a fidelidade feminina, a propriedade, a conservação da família, etc.

Considerando, com Lucien Goldman, que "o conceito chave não é a consciência real, mas a consciência pos

sível", e que só os escritos de pouca qualidade recuperam, de forma imediata, a realidade social, o Autor utilizou sem repertório para apreender o texto de Rosa, tarefa que não pôde ser empreendida pelos leitores médios.

Quanto ao plano mítico, o Autor utiliza uma transcendentização do espaço geográfico. No romance, tal possibilidade é justificada, uma vez que espaço e personagem se relacionam de forma mística e/ou integrada. Poderia o leitor médio captar tal relação. É provável que não. Apesar de existir, no contexto dos aglomerados próximos aos rios ou aos mares, uma forte dependência entre seu comportamento e os limites do espaço, essa relação não é apreendida pelos leitores medianos.

CONCLUSÕES PESSOAIS. Observando-se o ensaio e o romance que o motivou, pode-se verificar que o verdadeiro labirinto para o leitor médio são os processos formais de utilização da língua em Guimarães Rosa. O próprio crítico, ao enumerar várias virtualidades da língua utilizados em G.S.U., já deixa entrever essa possibilidade.

Os latinismos, arcaísmos e as palavras eruditas constituem um obstáculo à comunicação com o leitor, pois se, às vezes, elementos da vida rural e de sua fala são introduzidos no texto, a sintaxe que os reorganiza desloca suas posições habituais de significação.

Se observarmos, no entanto, que a estética da recepção prevê uma interação texto/leitor e que esta se realiza através de uma troca de elementos conhecidos e novos, o texto crítico trouxe, para o leitor universitário, dados desconhecidos.

De forma clara, sistemática e exaustiva, Cavalcanti Proença utilizou o parâmetro crítico atual de des-

vendar faces encobertas do texto que, interagindo com a nossa, operou acréscimos, reconhecimentos e transformação.

Ver com os olhos dos outros, neste caso, constituiu uma ampliação de nosso campo de visão.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - CAVALCANTI Proença, M. - Augusto dos Anjos e outros ensaios. 2ª ed. Rio de Janeiro, Grifo; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1973.
- 2 - GALLARDO, Miguel Angel Garrido - Estructura social en la Teoria de la Literatura - ensaio in Momentos de Crítica Literárias, vol. 3, União Cia. Editora, Paraíba, 1982. Citações de Goldman aí incluídas.
- 3 - LIMA, Luiz Costa - A Literatura e o leitor, textos de Estética da Recepção, Hans Robert Jauss... et al.; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. - Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.
- 4 - MUKAROVSKI, San - Escritos de Estética y semiótica del arte. Barcelona, Gustavo Gili, 1977.